



O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA A PARTIR DA PERSPECTIVA DEFENDIDA POR IRANDÉ ANTUNES: REFLEXÕES SOBRE A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES EM FORMAÇÃO

Eixo 02: Educação, Comunicação: fundamentos e teorias

Paula Cristina ARAÚJO¹
Ana Márcia dos Santos Honorato da SILVA²
Geam Karlo GOMES³

RESUMO

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de atividades realizadas durante a monitoria do componente curricular: Conteúdos e Metodologia em Língua Portuguesa, em uma universidade pública do Nordeste brasileiro e tem como objetivo analisar a percepção de graduandos em pedagogia sobre o ensino de Língua Portuguesa a partir da perspectiva defendida por Irandé Antunes. Como metodologia, utilizamos a abordagem qualitativa por meio de estudo de caso, que possibilitou que os estudantes de graduação em pedagogia produzissem um texto a partir da leitura da obra *Aula de Português: encontro e interação* (2003), escolhidas aleatoriamente a partir da técnica do liquidificador. Para a obtenção dos resultados foram analisadas as produções de alguns desses estudantes referentes às obras da autora, a fim de identificar o que esses professores em formação compreendem sobre o ensino de Língua Portuguesa no contexto do ensino fundamental. Nesse sentido, foi possível observar que os discentes demonstram a necessidade de uma prática reflexiva, evidenciando a importância do professor pesquisador na sala de aula, como também, uma prática pedagógica que enfatize o uso social da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Formação de professores.

ABSTRACT

The present work was developed from activities carried out during the monitoring of the curricular component Contents and Methodology in Portuguese Language, in a public university in the Northeast of Brazil and aims to analyze the perception of undergraduate students in pedagogy about the teaching of Portuguese Language from the perspective of perspective defended by Irandé Antunes. As a methodology, we used the qualitative approach through a case study, which made it possible for undergraduate students in

¹ Universidade de Pernambuco; Graduada em Pedagogia; e-mail: plcristinaaraujo@gmail.com

² Universidade de Pernambuco; Mestranda em Educação, PPGFPPI – Programa de Pós-graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares; e-mail: anamsanto02@gmail.com.

³ Universidade de Pernambuco; Doutor e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade; e-mail: geam.k@upe.br



pedagogy to produce a text based on the reading of the work Portuguese: encounter and interaction (2003), chosen at random from the technique of blender. To obtain the results, the productions of some of these students regarding the author's works were analyzed, in order to identify what these teachers in training understand about the teaching of Portuguese in the context of elementary education. In this sense, it was possible to observe that the students demonstrate the need for a reflective practice, showing the importance of the researcher teacher in the classroom, as well as a pedagogical practice that emphasizes the social use of language.

KEYWORDS: Portuguese Language Teaching. Elementary School. Teacher training.



1 Introdução

O ensino de Língua Portuguesa, para alguns docentes, ainda está ligado a uma prática tradicional, em que prevalece o estudo da gramática com foco principal nas regras gramaticais, o que vem sendo mudado paulatinamente. Nessa perspectiva, Antunes traz contribuições relevantes acerca de um ensino de Língua Portuguesa voltado para os usos sociais da linguagem, reforçando a ideia da reestruturação nas aulas voltadas para o ensino desse componente curricular que é essencial nos currículos do ensino formal.

Nesse contexto, é relevante discutir que o ensino da gramática deve ser ofertado com vistas a oportunizar ao educando competências e habilidades para usá-la nas situações pertinentes, mas enquanto subárea de conhecimento da língua, não é suficiente para desenvolver uma atuação verbal eficaz (ANTUNES, 2007).

Nessa perspectiva, esse artigo tem como objetivo: analisar a percepção de graduandos em pedagogia sobre o ensino de Língua Portuguesa a partir da perspectiva defendida por Irandé Antunes. Para isso, recorreremos ao estudo de caso com estudantes de graduação em pedagogia em uma universidade pública do Nordeste brasileiro. De acordo com Yin (2005, p. 32), o estudo de caso é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência. Para fundamentar a pesquisa foram utilizadas as obras de Antunes, (2003, 2007, 2009, 2010, 2014), tendo como percurso metodológico a utilização da técnica do liquidificador (ANDREOLA, 2002).

A escolha do tema se deu mediante a experiência de monitoria no componente curricular: Conteúdos e Metodologia, tornando-se relevante ao trazer os apontamentos dos estudantes acerca do ensino da Língua Portuguesa na sala de aula.

Este trabalho está dividido em seis seções: a primeira é a introdução, na segunda, tratamos da contribuição das obras de Irandé Antunes para o ensino de Língua Portuguesa; na terceira, apresentamos a obra de Antunes, *Aula de Português: lugar de encontro e interação*; na quarta, expomos o percurso metodológico; na quinta, apresentamos os resultados da pesquisa; e na sexta, tecemos as considerações finais sobre o trabalho.



2 Contribuição das obras de Irandé Antunes para o ensino de Língua Portuguesa

O ensino de Língua Portuguesa, embora siga as normativas estabelecidas para o ensino em todo o país, o que poderia significar padronização na sistemática em sala de aula, apresenta-se como desafio, uma vez que as concepções do ensino pensadas pelos docentes são diversas, criando, dessa maneira, perfis diferenciados de ensinar a língua.

Nesse contexto, os educandos, ao longo do seu processo formativo na educação básica, têm contato com uma diversidade de práticas que dificultam o aprendizado do componente curricular. Para alguns professores, a gramática normativa ainda é a cartilha básica para o ensino, o que pode inviabilizar o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para o educando interpretar o meio que o cerca (ANTUNES, 2003).

Para Antunes (2014), a construção e enriquecimento do vocabulário são propostas necessárias na dinâmica das aulas de português, mesmo quando esta seja planejada para o ensino da gramática. Nesse sentido, a autora propõe um estudo do léxico dando ênfase à sua funcionalidade dentro do texto, pois a gramática, por si, não torna o estudante apto a escrever e falar bem; para isso, é necessário ter um vocabulário adequado aos usos e finalidades as quais se pretende atingir.

Para a autora, a resistência dos docentes quanto ao uso de análises textuais em suas aulas justifica-se pela incessante submissão às práticas tradicionais que eram reduzidas à identificação das classes gramaticais, omitindo elementos necessários à construção da textualidade, que segundo (MARCUSHI, 2008, p.90) “é um conjunto de características que nos possibilita conhecer um texto. Os fatores de textualidade são os seguintes: coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade e relevância” como também a função interacional. Nesse contexto, as produções intelectuais de Irandé Antunes possibilitam ainda, um aprofundamento sobre as funcionalidades da língua, que acima de tudo está atrelada à cultura, à identidade de um povo, ou seja, as pessoas manifestam suas tradições e costumes mediante a interação da linguagem verbal.



Em *Territórios das Palavras: estudo do léxico em sala de aula*, Antunes (2014) denuncia, de forma perspicaz, a proposta metodológica concernente à Língua Portuguesa voltada “apenas” à gramática. A autora aponta a importância de uma percepção voltada à contextualização e à significação dos conteúdos, opondo-se, assim, ao tradicionalismo imposto de remotas décadas até meados dos anos de 1990, em que a supremacia da gramática era evidente.

Ao metaforizar a produção textual à construção de um edifício na obra *Análise de textos: fundamentos e práticas* (2010), a pesquisadora sugere uma reflexão pertinente e desafiadora em torno do ensino da língua: apresentar aos discentes uma proposta pedagógica versada no reconhecimento da hegemonia de um propósito comunicativo que enfatize a interação e o sentido em torno da linguagem.

Dessa forma, ensinar a língua, requer do docente o conhecimento e aperfeiçoamento de mecanismos provenientes da própria estrutura; sejam os recursos linguísticos, os nexos e/ou as expressões, contanto que estejam voltados ao uso funcional e social da língua.

Já em *Língua, texto e ensino: outra escola possível*, Antunes (2009) presenteia seus leitores com a obra que apresenta um caráter inovador, na qual há oposição clara ao paradigma do ensino tradicional da língua. O ensino da Língua Portuguesa vai se estruturando, moldando um novo paradigma e novas possibilidades.

Como fio condutor a essa discussão, em *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho* (2007) Irandé Antunes insiste na assertiva que o ensino da Língua Portuguesa não deve se reduzir as normas e prescrições da gramática. É incisiva ao afirmar que “não tem cabimento considerar que a gramática é a língua, ou que toda a língua é constituída de gramática.” Em complemento, na mesma obra, a autora tece uma proposta de trabalho com aplicabilidade eficaz, usando como eixo central o texto. Nessa perspectiva, ele seria o condutor para a prática docente do professor de língua.

Embora os dados apontem para aumento da escolarização e uma redução no índice de analfabetismo na população brasileira, há um déficit na capacidade de interpretação do que se lê e dificuldade de associação da leitura com a realidade (INAF, 2018).

Diante disso, perceber o funcionamento do ensino da língua, numa perspectiva interativa e funcional com ênfase no propósito comunicativo e suas dimensões, faz-se



necessário e urgente em meio à iminência da superação de inadequações pedagógicas que ainda permeiam as salas de aula.

3 Aula de Português: encontro e interação

Na obra *Aula de Português: encontro e interação*, publicada em 2003, escrita no bojo do início do ano 2000, pós-efervescência dos Parâmetros Curriculares Nacionais, após também prescrição do linguista João Wanderley Geraldi, com sua obra *O texto na sala de aula*, publicada em 1999, há uma convocação a uma abordagem ⁴interacionista da língua, tendo o texto como eixo central.

A proposta da Irandé Antunes assume um caráter interacional, tendo o texto como seu objeto de ensino. Um dos maiores desafios enfrentados pelos educadores é a formação de educandos que desenvolvam habilidade em leitura e escrita crítica, alcançando, dessa forma, proficiência.

O ensino da Língua Portuguesa deve estar voltado para o desenvolvimento de competências e habilidades que promovam a qualidade de comunicação e interpretação pelos educandos para que estes estejam preparados para entender os acontecimentos ao seu entorno. Para tanto, é imperativo que as instituições de ensino entendam tal premissa e, se necessário, reestruturem os seus currículos e projetos pedagógicos a fim de sistematizar o plano de ensino para a LP, como orientado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nela, o componente curricular está organizado em quatro grandes eixos, quais sejam: leitura/escuta, produção (escrita e multissemiótica), oralidade e análise linguística/semiótica (BRASIL, 2018).

3.1 Oralidade

O ensino da língua é realizado por meio de metodologias que, muitas vezes, conferem um grau de superioridade à escrita, atribuindo à produção textual importância ímpar na construção do conhecimento e, em consequência, relegando à oralidade, quando

⁴Interacionista é a interação entre o indivíduo e a cultura, onde, para "Vygotsky", é fundamental que o indivíduo se insira em determinado meio cultural para que aconteçam mudanças no seu desenvolvimento.



muito, uma posição secundária. Nesse contexto, Cavalcante e Melo (2007) trazem uma discussão relevante sobre a importância da oralidade em sala de aula, nas aulas de LP, entendendo que nesse componente curricular que o estudante poderá aprender conceitos e características da produção oral, representada pelos gêneros textuais.

Nesse sentido, é importante ressaltar que a oralidade se concentra em torno de conversas informais, troca de ideias, explicação aos colegas, dentre outros, sem que se faça uma reflexão sobre como se dá esse processo de construção da fala. Nesse cenário, os professores, por não explorar a linguagem na sala de aula, impossibilitam o processo de aprendizagem que seria possível com uma análise sobre os diversos gêneros orais e suas funcionalidades (ANTUNES, 2009; CAVANCANTE; MELO 2007).

Para tanto, é importante que o educador ensine as diferenças entre textos orais e escritos, demonstrando as semelhanças existentes entre as duas modalidades, enfatizando as suas especificidades. Considerando que a fala pode ser vista como menos formal pelos estudantes, cabe ao professor propor um confronto entre fala e escrita para que eles percebam que a oralidade também pode ser formal, dependendo do tipo de público que o interlocutor se reportará.

3.2 Escrita

Para Antunes (2003) a escrita é um processo de interação que ocorre entre duas ou mais pessoas, possibilitando a exposição da cultura, do conhecimento e de argumentos que os sujeitos desejam partilhar em forma de texto. Para desenvolver uma produção escrita de forma promissora, é preciso ter argumentos que irão fundamentar esse processo. Dessa forma, faz-se necessário buscar conhecimento, desenvolver sensações e percepção das coisas e do mundo que o cerca.

A autora afirma ainda que quando se escreve, escreve-se sempre para alguém, por isso, deve-se pensar no interlocutor. Nesse sentido, o que vai e como será registrado, deve ser ponderado de acordo com o leitor, adequando sempre ao público-alvo.

Toda escrita tem um propósito, ou seja, uma funcionalidade que varia de acordo com a função a qual se propõe e dos diferentes gêneros textuais em que são realizados.



Nesse sentido, os textos diferenciam-se no modelo de escrita devido as características próprias de cada gênero e função.

A escrita também deve ser um momento prazeroso para quem está produzindo o texto, pois o autor pode pensar em como sua produção irá chegar no seu destinatário e de que forma o leitor irá interpretar, tirar as impressões de quem está por trás daquele texto. Daí a importância de saber para quem se escreve e dessa forma produzir um texto adequadamente ao público-alvo.

3.3 Leitura

Segundo Antunes (2003), a leitura torna-se um complemento da escrita. Dessa forma, o leitor, que é o destinatário final, procura compreender o texto escrito e as ideias do autor, o que possibilita a interação entre escritor-leitor. Vale ressaltar a importância dos elementos gráficos nesse processo de interpretação, pois as palavras, assim como os sinais de pontuação conduzem o leitor para decifrar a mensagem por meio da escrita. No entanto, somente o que está escrito no papel não traz ao leitor tudo o que é necessário para compreensão do texto. Nesse sentido, é preciso que o mesmo tenha conhecimento prévio sobre o que está lendo para que leitura e compreensão fluam com eficácia.

Antunes (2003) afirma ainda que a leitura favorece três planos distintos: o primeiro diz respeito ao desenvolvimento de novas percepções sobre informações diversas que cercam o indivíduo; o segundo trata da leitura de uma forma mais prazerosa, em que o leitor aprecia a obra sem que haja obrigatoriedade de dar um retorno, ou seja, ler por gostar, por admirar a arte da leitura; o terceiro refere-se a compreensão do uso social da escrita, ou seja, por meio da leitura é possível perceber os diversos gêneros textuais, desenvolver o vocabulário, como também aprender as normas gramaticais.

Dessa forma, pode-se afirmar que a leitura permeia três funcionalidades: o sujeito que a utiliza para informar-se, pelo prazer e também para compreender a escrita. Ou seja, a leitura não é uniforme, pois esta depende do objetivo que se pretende, da formalidade do que é lido e do gênero do texto. Assim, as estratégias variam de acordo com os gêneros textuais e a finalidade pretendida.



3.4 Gramática

De acordo com Antunes (2003), as pessoas não têm a liberdade de criar por completo sua própria forma de comunicação, de dizer as palavras, pois toda língua possui uma gramática, ou seja, seu conjunto de regras. Nesse sentido, as pessoas desenvolvem sua fala a partir da gramática independente de questões econômicas, sociais ou culturais.

Ao falar uma língua, o indivíduo desenvolve a habilidade de usar as regras dessa língua em produções textuais. Dessa forma, é importante ressaltar que “não existe falante sem conhecimento de gramática” (ANTUNES, 2003, p. 86). Portanto, embora compreendam a gramática, os falantes podem não saber as regras em sua totalidade, pois a usam geralmente de forma intuitiva, utilizando as palavras de forma coerente, combinando-as dentro do texto, desconhecendo em muitos casos a classe gramatical pertencente.

Em se tratando de regras gramaticais, é notória a preocupação em ensinar apenas a identificação da gramática, aplicando atividades que não trazem nenhum significado para o estudante, impossibilitando-o de refletir sobre o que está lendo e sobre as possibilidades de utilização dos textos orais e escritos, o que torna a aprendizagem mecânica e desestimulante

É necessário, então, que o professor de Língua Portuguesa trabalhe de forma contextualizada, em que o estudante faça análise e reflexão de textos produzidos por ele, possibilitando-o um possível confronto entre o que foi aprendido e o que está escrito no texto. A gramática deve ser aprendida de forma funcional, ou seja, deve-se instruir-se acerca dos usos sociais da linguagem.

4 Metodologia

Para o desenvolvimento desta pesquisa, optamos pela abordagem qualitativa, que segundo Gil (2008), proporciona o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e a das suas relações, por meio do contato direto com a situação estudada,



Definimos como sujeitos de nossa pesquisa professores graduandos do sexto período do curso de Pedagogia de uma universidade pública do Nordeste brasileiro. Participaram da técnica desenvolvida, 35 graduandos. Optamos por esse perfil por se tratar de estudantes que ultrapassaram a metade do curso e já possuem embasamento teórico-crítico com relação ao ensino de e sua formação docente.

Para a realização do artigo foi feita uma adaptação da técnica do liquidificador Andreola (2002), na qual foram distribuídas três fichas para cada estudante. Nelas, eles tinham que escrever três citações referentes à obra *Aula de Português: encontro e interação*, de Irandé Antunes. Após o tempo determinado (aproximadamente uma hora), as fichas foram recolhidas e colocadas em uma caixa para que fossem misturadas. Em seguida, após embaralhadas, os estudantes pegaram três fichas diferentes para produzirem um diário de leituras. De acordo com (MACHADO, 2005, p.64), o diário de leituras “é um texto produzido por um leitor, à medida em que lê, com o objetivo maior de dialogar, de ‘conversar’ com o autor do texto, de forma reflexiva”. Os diários a compor este *corpus* foram escolhidos por meio de sorteio e nomeados com as siglas DL (Diário de Leituras + número de ordem).

5 Análise e Discussão das Produções

No DL 01 (Quadro 1) as citações agrupadas pela técnica do liquidificador possibilitaram que um dos estudantes escrevessem sua posição crítica.

Sobre o trecho 1 do referido diário, o estudante aponta que apesar dos documentos sobre os desdobramentos da educação afirmarem sobre políticas educacionais que atentem às necessidades dos estudantes, ainda há falhas no ensino. Nessa perspectiva, é válido ressaltar a importância dos docentes atentarem aos PCNs, SAEB, que são instrumentos norteadores para o ensino da LP. Antunes (2003) afirma que os PCNs trazem uma abordagem interacional e discursiva da LP. Já com relação ao SAEB, as competências são avaliadas por meio de textos, de diferentes tipos, gêneros e funções, ou seja, traz também uma abordagem interacional da língua.



Quadro 1 – Diário de Leituras

Fragmentos em análise:

1 “Basta referir o trabalho que resultou na elaboração e divulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), com todos os seus posteriores desdobramentos; ou o trabalho empreendido pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) [...]” p21

2 “Da falta de tempo genericamente justificada, os depoimentos permitem avançar um pouco mais na elucidação dessa questão ou porque através deles os alunos repetem as explicações que lhes são dadas ou porque conseguem, depois de anos a fio, vendo repetido a prática de exclusão de leitura, entender os seus porquês.” P29

Fonte: Autores

Uma aula de LP precisa estar amparada em princípios norteadores que instrumentalizem esse docente a uma prática cujo fomento à criação, leitura crítica, produção e participação social estejam presentes.

Nesse diário, os excertos do estudante expõem preocupações voltadas para o ensino de língua descontextualizado, o que gera frustração e desinteresse. Nessa perspectiva, Geraldi (2015) discute as imposições feitas pela BNCC à área de LP, defendendo que elas trazem retrocesso à prática docente e, com isso, influencia diretamente no aprendizado eficiente do componente curricular. Além disso, engessam o processo de ensino aprendizagem.

Com relação ao trecho 2 do diário 1, a falta de tempo é enfatizada nas aulas de LP. Limitando o ensino desse componente curricular à gramática. De acordo com Antunes (2003), a visão distorcida sobre a gramática, acaba sobrepondo-a à real necessidade das competências a serem desenvolvidas no estudante: a fala, a escuta, a leitura e também a escrita de textos significativos.

No trecho 3, a estudante enfatiza que não há um progresso dos estudantes com relação ao conhecimento da LP, isso ocorre em decorrência da separação entre a vida cotidiana do aluno e o que é ensinado em sala de aula. Antunes (2003) defende que fatores externos contribuem no resultado. Dessa forma, o estudante não consegue sair da escola e participar ativamente das decisões que acontecem na sociedade, porque não teve esse processo interacional da linguagem como foco nos seus estudos.

A autora assegura que a aversão dos estudantes às aulas de português decorre das dificuldades de compreensão do ensino da língua, levando-os a acreditar que são



incapazes de aprendê-la, o que muitas vezes ocasiona a repetência e também evasão escolar.

Em análise a esse primeiro diário, observa-se menção à linguagem aplicada à constituição do sujeito, e este com o ensino, bem como a importância de uma prática docente concatenada aos princípios teóricos e metodológicos relativo ao processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, capacitando todos os envolvidos para uma atuação competente e efetiva dentro e fora do âmbito escolar.

No Diário de Leituras 2 (Quadro 2), no trecho 1 é salutar a abordagem sobre a oralidade, já que é um ponto essencial no que se refere ao uso interacional da linguagem, pois é por meio da oralidade que o aluno vai desenvolver sua competência discursiva dentro da sociedade.

Quadro 2 – Diário de Leituras

Fragmentos em análise:

“Uma quase omissão da fala como objeto de exploração no trabalho escolar: essa omissão pode ter como exploração a crença ingênua de que os usos orais da língua estão ligados a vida de todos nós que não precisam ser matéria de sala de aula” (p.242) “Já não há mais lugar para o professor simplista, repetidor, como disse acima, que fica, passivo à espera de que lhe digam exatamente como fazer, como “passar” ou “aplicar” as noções que lhe ensinaram” (p.36)

Fonte: Autores

No fragmento acima, a estudante compreende a importância da ação reflexiva na prática docente, pois é algo que deve acontecer continuamente na docência, tendo em vista que os estudantes estão em processo de formação, é essencial que o docente busque a melhoria da sua prática para atender melhor a demanda do estudante. Dessa forma, Antunes (2003) discorre sobre o novo perfil do professor, ou seja, um professor pesquisador que está construindo constantemente o conhecimento com os seus estudantes para aperfeiçoar a sua prática e exercer seu papel social mediante o ensino de Língua Portuguesa.

No DL 2, a estudante compreende a fala como uma importante ferramenta para o desenvolvimento da LP na sala de aula, porém, os professores não enfatizam a necessidade da oralidade, pois diariamente os estudantes já fazem uso da linguagem. No entanto, sabe-se que é através do discurso que o discente pode expressar suas ideias, e



essa fala pode ser explorada na sala de aula por meio de seminários, rodas de conversas, mesas redondas entre outros. Assim é possível ampliar a argumentação do estudante no discurso, mediante os usos sociais da linguagem.

Essa análise não trata a oralidade como um domínio à parte da escrita, distinguindo a cultura oral e cultura escrita. Ao contrário, a análise feita pelo estudante traz um desenho de mundo unificado pela produção dinâmica dos sentidos, gerados e transmitidos pelas vozes personalizadas, que representam posições éticas e ideológicas diferenciadas em uma união e intercâmbio contínuo com as demais vozes, que se torna possível a partir da escrita.

É imperativo também considerar que o sistema da língua é valorizado por muitos docentes e contemplados com frequência em suas práticas em sala de aula, uma vez que ele só existe ao se materializar em enunciações, em um contexto específico, como respostas às diversas interações feitas pelos sujeitos na sociedade, o que não representa de forma fidedigna o nível de interação em sala de aula.

Considerações Finais

A pesquisa e os estudos realizados para elaboração desse artigo teceram reflexões sobre as práticas utilizadas para o ensino de Língua Portuguesa. Por meio deste, foi possível estabelecer a relação que existe entre os discursos teóricos e a percepção dos estudantes acerca dessa temática, o que possibilitou estabelecer algumas inferências a respeito da atuação do docente, sobretudo quanto às metodologias de ensino escolhidas.

Nessa concepção, é imprescindível que o ensino de LP esteja pautado numa concepção interacional da linguagem, visto que os estudantes precisam estabelecer uma relação coerente entre o que está sendo visto em sala de aula e o seu cotidiano, possibilitando-os encontrar sentido para tudo aquilo que está sendo ensinado, tornando o ensino da língua mais prazeroso para o estudante e mais eficiente para o processo de aprendizagem.

Considerando as observações obtidas por meio do diário de leituras, ficou evidenciado que os estudantes em formação possuem criticidade em relação ao ensino de



LP ao apontarem a importância de uma prática pedagógica reflexiva, que possibilite um ensino de qualidade, em que os usos sociais da linguagem sejam o foco da aprendizagem.

Por fim, o resultado dessa pesquisa, tendo como produto as análises da produção de Antunes e os diários produzidos pelos discentes, atendeu às atuais discussões acerca do ensino da Língua Portuguesa. A linguista Irandé Antunes, bem como os demais autores citados ao longo do texto forneceram subsídios teórico-metodológicos exequíveis para a aplicação e vivência de práticas que contribuem para a melhoria do ensino-aprendizagem dos discentes envolvidos. Nessa perspectiva, trabalhos dessa natureza são importantes para subsidiar o aperfeiçoamento necessário da práxis pedagógica de modo a torná-la eficiente, direcionando-a a um diálogo constante com as demandas contemporâneas voltadas para o ensino da Língua Portuguesa.

Enfim, espera-se que esse estudo sirva de suporte teórico para a promoção de uma reflexão crítica a respeito da importância das práticas de ensino da língua, tendo o texto como objeto central do ensino.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2014.

_____. **Análise de textos**: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. **Aula de Português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.

_____. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

ANDREOLA, Balduino A. **Dinâmica de grupo**. Jogo da vida e Didática do Futuro. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRANDÃO, Carolina Ana e LEAL, Telma Ferraz. **Produção de textos na escola : reflexões e práticas no Ensino Fundamental**. 1ed., 1 REIMP.— Belo Horizonte : Autêntica , 2007.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. . Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclo. Brasília: MEC/SEF, 1998.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 68. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2019.

GERALDI, João Wanderley (Org.) **O texto na sala de aula**. 1. ed. São Paulo: Anglo, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

INDICADOR Nacional de Alfabetismo Funcional. INAF 2001: INAF 2001 Relatório disponibilizado para a imprensa. 2018.

MACHADO, Ana Raquel. Diários de Leituras: a construção de diferentes diálogos na sala de aula. **Revista Linha D'água**.

MARCUSHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

SILVA, M. C.; SOUSA, A. P. Diário de leitura: instrumento didático para formação do estudante leitor. **Revista Práticas de Linguagem**, v. 3, n. 2, p. 19-29, 2013.

YIN, Robert K. Estudo de caso – planejamento e métodos. (2Ed.). Porto Alegre: Bookman. 2001.